

FACULDADE PATOS DE MINAS

EDUCAÇÃO FÍSICA

FÁBIO APARECIDO ANDRADE DE FREITAS

**A INICIAÇÃO DO VOLEIBOL NAS SÉRIES FINAIS
DO ENSINO MÉDIO**

**Patos de Minas
2013**

FÁBIO APARECIDO ANDRADE DE FREITAS

**A INICIAÇÃO DO VOLEIBOL NAS SÉRIES FINAIS
DO ENSINO MÉDIO**

Artigo apresentado a Faculdade Patos de Minas como requisito parcial para a conclusão do curso de licenciatura de educação física.

Orientador: Prof. Esp. Diogo Alves Amaro

**PATOS DE MINAS
2013**

A INICIAÇÃO DO VOLEIBOL NAS SERIES FINAIS DO ENSINO MÉDIO

*Fábio Aparecido Andrade de Freitas

**Diogo Alves Amaro

RESUMO

O presente trabalho constituiu basicamente de uma reflexão de como o jogo de Voleibol pode ser introduzidas informalmente para crianças de várias idades, frequentadoras de escolas. De caráter recreativo, este trabalho não estará voltado para o rendimento ao contrário disto preocupar-se com o "gosto de jogar e aprender a jogar", propiciando, até mesmo aos menos habilidosos (em capacidade física e habilidades motoras) uma oportunidade saudável para iniciação da prática do voleibol. Tendo como objetivo dar um maior significado ao ensino e, conseqüentemente, à prática do jogo, a monografia refletirá sobre questões que a aprendizagem do voleibol, com posteriores sugestões didáticas e pedagógicas, Isso não significa que iremos sugerir ideias acabadas e rígidas como uma "receita pronta", com metas a serem alcançadas pelos praticantes; tentaremos abordar algumas ideias que poderão estar sendo discutida pelos professores de Educação Física das mais diversas escolas.

Palavras chave: Voleibol; lúdico; desporto; educação física escolar.

INTRODUÇÃO

O Voleibol nasceu recreativo, conforme o artigo "*Voleibol, um Jogo Original*" (BÁFERO, 1993), que descreve:

(.) o jogo é jogado informalmente e com qualquer número de jogadores que, tem como função golpear a bola com

as mãos, de um lado para o outro, sobre a rede (..). Não é permitido deixar a bola tocar o solo (...). (CAMERON, 1896 apud BÁFERO, 1993)

Assim, foi criado o jogo do Voleibol, pelo Professor Willian George Morgan em 1895, no Ginásio da Associação Cristã de Moços de Hollyok, Massachussets, com a finalidade recreativa e, na medida em que era praticado, surgiam novos desafios e novas intenções no pensamento dos jogadores, como por exemplo, além de não deixar a bola cair no chão e ter a necessidade de enviá-la para o outro lado da rede, agora era preciso tentar derrubar a bola no campo contrário era preciso pensar o jogo (Moraes, 2006)

Muitos anos se passaram e a prática constante do Voleibol vem transformando num dos esportes de maior destaque, tanto no Brasil como em outros países. Para tanto, é grande e variado o número de estudos e pesquisas a respeito do Voleibol. Porém, esses estudos preocupam-se em abordar aspectos que tratam dos fundamentos específicos do jogo (toque, manchete, saque, ataque, bloqueio, defesa, finta, códigos, e outros.).

Conseqüentemente, manuais de treinamento de Voleibol são utilizados pelos professores, técnicos e jogadores como se fosse uma *“cartilha básica.”* Oliveira (2005, p.5) afirma que “o contato de qualquer pessoa com o mundo do esporte acontece desde muito cedo, ainda criança.” Sabendo que isto acontece de forma diferente para as pessoas, mesmo assim acontece. O contato das pessoas pode ser como espectador, temos as Olimpíadas e a Copa do Mundo de Futebol de Campo explorado pela televisão. A mídia também é outro poderoso meio de comunicação que vem enfatizando cada vez mais o alto rendimento, pois até mesmo vídeos que mostram "como aprender a jogar Voleibol" são produzidos e vendidos como métodos práticos e eficazes para a aprendizagem do Voleibol.

Estas reflexões não querem dizer que este trabalho seja contra esses aspectos importantes do Voleibol. A nossa preocupação está na necessidade de apresentar algumas ideias para a iniciação do Voleibol, isto é, despertar o *"gosto pelo jogo"* e a sua aprendizagem, pois se sabe que no Brasil as "escolinhas" de iniciação e até mesmo nas Escolas de Ensino Primário e Secundário, na sua maior parte, tem por objetivo maior "iniciar" para competir. Desta forma, também propomos que o Voleibol, por ser uma manifestação do

Esporte, e o Esporte um conteúdo da Educação Física, merece atenção mais qualificada nas aulas que ocorrem no espaço da Escola.

O presente trabalho teve como objetivo discutir o período adequado para a iniciação do voleibol e sua importância dentro aspectos históricos. Mais especificamente: apresentar aspectos históricos do voleibol, discutir sobre a importância do voleibol e sua iniciação, descrever sobre a época da iniciação do voleibol.

METODOLOGIA

O presente trabalho apresentado foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica, teve como análise da literatura os fatores motivacionais que levam a prática do voleibol em crianças e adultos, e se existe alguma diferença em relação a idades estudadas sobre a motivação da iniciação do esporte voleibol. Para tal, fez-se uso de trabalhos originais publicados nas plataformas Scielo, revista digital EFDEPORTES.COM, revista digital Educação Física em revista, revista da faculdade de educação física da UNICAMP. A pesquisa foi desenvolvida no período de fevereiro a outubro de 2013.

1.0 A Historia do Voleibol

O vôlei foi inventado em 1895, quando o americano William George Morgan, que assumira naquele ano a função de professor de educação física na faculdade YMCA (Associação Cristã de Moços) de Holyoke, Massachusetts (EUA), tentava criar uma nova competição em quadra coberta que pudesse ser praticada pelos seus alunos. Antes de se formar na faculdade da YMCA em Springfield, Morgan conheceu James Naismith, que havia criado o basquete em 1891. No entanto, o basquete era muito intenso e com muito contato físico, o que era um atrativo para os jovens. E a intenção de Morgan era criar um jogo

recreativo que ao mesmo tempo fosse competitivo e sem contato físico, para atrair o público mais velho (DAL SIN; GOELLNER, 2006).

Segundo Bizzocchi (2000) o voleibol foi originado de um jogo italiano difundido nos países latinos durante a idade média e que fora levado a Alemanha em 1893, onde ficou conhecida como faust-ball. Dois anos depois o esporte chega a América onde é adaptado e da origem ao volleyball.

Morgan tinha seu esporte, batizado por ele de Mintonette. No início de 1896, uma conferência foi organizada na faculdade YMCA de Springfield, na qual estiveram presentes todos os professores de educação física da YMCA. Morgan, então, foi convidado pela direção para fazer uma demonstração de seu jogo no ginásio recém-inaugurado da faculdade. Após assistir à demonstração e ouvir as explicações de Morgan, o professor Alfred T. Halstead chamou a atenção para a ação do voo da bola por cima da rede (voleio), sem tocar o chão, e propôs que o nome Mintonette fosse substituído por Volleyball. (DAL SIN; GOELLNER, 2006).

A primeira quadra de Voleibol tinha as seguintes medidas: 15,24m de comprimento por 7,62m de largura. A rede tinha a largura de 0,61m. O comprimento era de 8,235m, sendo a altura de 1,98m (do chão ao bordo superior). A bola era feita de uma câmara de borracha coberta de couro ou lona de cor clara e tinha por circunferência de 63,7 a 68,6 cm e seu peso era de 252 a 336g (AFONSO, 2004).

“O “primeiro artigo sobre o jogo apareceu publicado no número de julho de 1896 do” Physical Education”. Seu autor, J.Y.Cameron, de Búfalo, Nova York, escreveu.

O voleibol é um novo jogo, exatamente apropriado para o ginásio ou quadra coberta, mais que pode, também, ser praticado ao ar livre. Qualquer número de pessoas pode praticá-lo. O jogo consiste em conservar a bola em movimento sobre uma rede alta, de um lado para o outro, e apresenta, assim, as características dos outros jogos, como o tênis e o handebol.

O voleibol foi rapidamente ganhando novas adaptações, crescendo no cenário mundial ao decorrer dos anos. Em 1900, o esporte chegou ao Canadá primeiro país fora dos Estados Unidos, sendo posteriormente desenvolvido em outros países, como na China, Japão (1908), Filipinas

(1910), México entre outros países europeus, asiáticos, africanos e sul americanos. Na América do Sul, o primeiro país a conhecer o voleibol foi o Peru, em 1910, através de uma missão governamental que tinha a finalidade de organizar a educação primária do país.

Segundo Bojikian (2006) O primeiro campeonato sul-americano foi patrocinado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), com o apoio da Federação Carioca de voleibol e aconteceu no ginásio do Fluminense, no Rio, entre 12 e 22 de setembro de 1951, sendo campeão o Brasil, no masculino e no feminino. A Federação Internacional de voleibol (FIVB) foi fundada em 20 de abril de 1947, em Paris, sendo seu primeiro presidente o francês Paul Libaud e tendo como fundadores os seguintes países: Brasil, Egito, França, Holanda, Hungria, Itália, Polônia, Portugal, Romênia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Estados Unidos e Uruguai. O primeiro campeonato mundial foi disputado em Praga, na Tchecoslováquia, em 1949, vencida pela Rússia. Em setembro de 1962, no Congresso de Sofia, o voleibol foi admitido como esporte olímpico e a sua primeira disputa foram na Olimpíada de Tóquio, em 1964, com a presença de 10 países no masculino – Japão, Romênia, Rússia, Tchecoslováquia, Bulgária, Hungria, Holanda, Estados Unidos, Coreia do Sul e Brasil. O primeiro campeão olímpico de voleibol masculino foi a Rússia; a Tchecoslováquia foi a vice e a medalha de bronze ficou com o Japão. No feminino, o campeão foi o Japão, ficando a Rússia em segundo e a Polônia em terceiro.

O voleibol chegou ao Brasil em 1915, onde começou a ser praticado no Colégio Marista de Pernambuco. Mas só a partir dos anos 50 que o voleibol começou a se popularizar no Brasil, devido os bons resultados dos brasileiros no Sul-Americano e a criação das federações, inclusive da CBV (AFONSO, 2004).

Inicialmente o treino do voleibol brasileiro era exercitar através dos fundamentos e em seguida era realizado o jogo. Este tipo de treino foi conduzido até os anos 60. A partir da década de 70, o voleibol no Brasil começou a realizar a preparação física (GUIMARÃES & MATTA, 2004).

Um dos pioneiros nessa atividade foi o Professor Tubino, com seu trabalho de excelência no Fluminense ele passou a fazer parte da seleção brasileira masculina de voleibol. Neste momento, os testes antropométricos e físicos passaram ter destaque no voleibol para controle da carga e evidenciar as adaptações fisiológicas do treino físico. Atualmente, qualquer equipe ou dupla de voleibol realiza teste físico e antropométrico (REGAL *et al*, 2006; D´ALESSANDRO *et al*, 2005).

2.0. A Prática do Voleibol nas Escolas

Oliveira (2005, p.5) afirma que “o contato de qualquer pessoa com o mundo do esporte acontece desde muito cedo, ainda criança”. Sabendo que isto acontece de forma diferente para as pessoas, mesmo assim acontece. O contato das pessoas pode ser como espectador, temos as Olimpíadas e a Copa do Mundo de Futebol de Campo explorado pela televisão. O contato pode ser na prática esportiva nos clubes, praças e até na rua. Mas se o contato com o esporte acontece, qual a razão dele ser tão criticada pelos autores e pensadores da Educação Física Escolar.

Para Bracht (1999) “a desesportivização da educação física não deve conduzir à desconsideração e ao abandono do esporte como conteúdo dela”. O autor explica que a escola não deve ser colocada a serviço da instituição esportiva. Mas na aula de Educação Física pode se explorar o conteúdo de esportes, independente da modalidade, não deve se resumir a um treinamento de alto rendimento, pois neste caso apenas os melhores alunos-atletas continuam na prática.

Para o coletivo de Autores (1992, p.71) o esporte que desejo na escola é aquele onde o aluno adquira conhecimento, participe de uma atividade esportiva com prazer, com vontade de melhorar seu desempenho e de conviver com seus colegas. Para que isto aconteça, o esporte da escola nas aulas de Educação Física deve ser diferente daquele da instituição esportiva, pois todos os alunos devem aprender e praticar de todas as atividades físicas.

Para Oliveira (2005) não adianta formar equipes para jogar somente, muito diálogo deve acontecer para que todos compreendam que não se deve

apenas ganha mais sim competir e participar, mesmo quando o tema for disputa de partidas.

Segundo Darido (2001), no começo a Educação Física escolar brasileira recebeu forte influência da área médica, com discursos patenteados na higiene, saúde e dos interesses militares e do nacionalismo.

De acordo com Betti (1991) nos anos 60, a Educação Física escolar brasileira estava centrada nos movimentos ginásticos europeus, principalmente no Método Francês que se orientava pelos princípios anatômicos fisiológicos, visando o desenvolvimento harmônico do corpo. Além deste, existia o Método Desportivo Generalizado, que procurava incluir o conteúdo esportivo, dando importância para o aspecto lúdico.

Na década de 70, o governo militar passou a apoiar a Educação Física na escola. O objetivo era a formação de um exército forte e saudável, além da desmobilização de forças opositoras. Com isso, vínculos entre esporte e nacionalismo se estreitaram (Betti, 1991).

Darido (2001) afirma que a partir dos anos 80, surgem novas formas de pensar na Educação Física escolar. Dentre elas estão: desenvolvimentista, construtivista, crítico-emancipatória, crítico-superador e os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs.

Segundo Darido (2001) Abordagem Crítico-Superador possuiu como obra principal a Metodologia do Ensino de Educação Física do escolar, entende que os conteúdos da Educação Física (jogo, ginástica, esporte, etc.) são um conhecimento da cultural corporal de movimento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs, é um documento elaborado pelo Governo Federal, o qual oferece subsídio para o planejamento do ensino no país. Os PCNs fundamentavam a participação construtiva do aluno e, ao mesmo tempo, da intervenção do professor para a aprendizagem de conteúdos específicos que favoreçam o desenvolvimento das capacidades necessárias à formação do indivíduo (BRASIL, 1998).

A abordagem Desenvolvimentista tem como uma de suas obras “Educação Física escolar fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista” é essencial para a formação do professor de Educação Física no que diz respeito ao processo de desenvolvimento motor na Educação Física escolar (TANI, 1988).

O autor busca, através dessa obra, fundamentar a intervenção em Educação Física escolar tendo como base o desenvolvimento biológico, psicológico, social e cultural do aluno, assim como a interação destes elementos e sua correlação com a aprendizagem motora (TANI, 1988).

De acordo com Freire (1989) a abordagem Construtivista tem como principal obra “Educação de Corpo Inteiro – Teoria e Prática da Educação Física” Entende-se por educação de corpo inteiro, uma educação em que corpo e mente são interdependentes, e não um excludente do outro. O conhecimento corporal e intelectual deve ser significativo, ou seja, ter correspondência na experiência concreta. É salientado um processo do ensino e aprendizagem da Educação Física a partir da cultura infantil, onde se dá o desenvolvimento motor, social, afetivo e cognitivo.

Freire (1989) afirma que só há aprendizagem, através de teoria e prática e por mais restritivo que seja o lugar, sempre há liberdade para pensar, se mexer etc. é nesse momento que a criança aprende.

Para Kunz (1994) a abordagem Crítico-Emancipatória possui como obra principal “Transformação didático-pedagógica do esporte”. Essa obra apresenta uma proposta didático-pedagógica centrada nos esportes, mas esclarece que outras objetivações culturais devem ser utilizadas como conteúdos relevantes para a prática pedagógica da Educação Física. Procura desenvolver uma nova concepção de ensino para modalidades esportivas tradicionais em nível escolar, desconstruindo uma imagem negativa que o aluno interioriza na sua prática de esportes autoritários e domesticadores, tornando-o livre para questionar, analisar e se auto avaliar no contexto sociocultural e esportivo.

O grande sucesso obtido pelo Voleibol no Brasil é fruto do sério trabalho praticado e pelo profissionalismo implantado pelos dirigentes da administração da CBV. “Segundo a Federação Internacional de Vôlei FIVB 2003, a CBV é hoje a federação nacional mais bem sucedida do mundo, possuindo vinte e sete federações estaduais filiadas, 85.125 atletas de voleibol de quadra.” Assim procura-se detectar um aumento da adesão por parte dos alunos pelo desporto Voleibol nas aulas de Educação Física nas escolas, e os motivos fundamentais que levaram a esse aumento do interesse. Nas grandes equipes de Voleibol, os valores de socialização podem ser identificados graças ao

grande trabalho em grupo desenvolvido entre os atletas da mesma equipe (ANFILO, 2003, p.31).

Segundo Marchi Júnior (2001) O interesse dos alunos pelo Voleibol dentro dos colégios também está ligado ao fato da espetacularização do esporte pela mídia, e ao fato de que o esporte Voleibol em alto nível no Brasil obtenha grande sucesso internacional.

Para Lucero (2006) o espelho para o aluno passa a ser o atleta bem sucedido de Voleibol, assim o interesse pela prática esportiva de sucesso midiático aumenta, e o Voleibol se encontra relacionada à palavra sucesso e espetáculo de mídia. O Brasil se firmou ainda mais como uma potência do Voleibol internacional. No sexo masculino, passou a disputar os principais títulos internacionais, em todas as categorias, conquistando somente na categoria adulta, inúmeros torneios sul-americanos, pan-americanos, um título olímpico, um campeonato mundial e três títulos da liga mundial.

De acordo com Sousa e Rodrigues (2007), o Voleibol é visto como esporte de rendimento ocasionando uma concorrência e uma competição entre os alunos. Esse rendimento deve ser visto pelo professor como algo necessário e não obrigatório, para que não ocorra exclusão de alunos que são atletas e os que não são no momento em que for montar equipe de Voleibol da escola.

Segundo Campos (2006) o treinamento de equipes de Voleibol da escola não deve pautar-se somente no ato de competir, e sim trabalhar de forma interativa com o projeto pedagógico dado pela escola e os aspectos socioculturais dos alunos. Outro fator relevante é o aluno sonhar em se tornar atleta de elite, e isso se agrava com a pressão dos pais. O professor deve sempre conversar com eles para que isso não se torne uma cobrança excessiva.

Campos (2006) complementa dizendo que o treino de equipes formadas na escola e de equipes formadas em clubes devem ser diferentes. Isto fica claro se levar em questão a prioridade de cada um, já que a do atleta é o treinamento e a do aluno é a educação escolar.

Sousa (2007) afirma que o Voleibol sem dúvida é um esporte fascinante, de um lado a competição deste eleva o número de alunos para a prática do desporto, por outro lado ocorre uma exclusão por ser um esporte de

rendimento e cabe ao professor proporcionar a participação de todos e incentivar o espírito coletivo.

3.0 A Iniciação do Voleibol nas Series Finais

Em tempos modernos, onde a competição impera na sociedade, e a espera por resultados rápidos é enorme, a iniciação esportiva vem sofrendo várias situações que vão contra os princípios básicos da pedagogia da iniciação desportiva, entre eles, especialização precoce, estabilização da aprendizagem, entre outros inúmeros fatores. Sendo assim é de suma importância a utilização de uma metodologia de ensino adequada para cada faixa etária, respeitando-se a questão motora, cognitiva, social, e afetiva (BAYER, 1994).

Segundo Paes (1995), a iniciação do voleibol de maneira informal é deixar, em um primeiro momento, os praticantes jogarem de forma “descompromissada”, onde objetivo principal encontra-se em fazer com que os iniciantes sintam prazer pelo jogo. É um período de exploração, de descoberta e de combinações e movimentos. “A criança não tem controle desses movimentos, mas habitua-se à tarefa de jogar e acaba formando uma estrutura “grosseira” e “generalizada” dos padrões dos movimentos específicos do jogo.

Nesse momento os iniciantes, além de poderem estar sentindo prazer pelo gosto do jogo, estarão adquirindo experiências de movimentos habilidades motoras básicas do jogo de voleibol. Para que o objetivo principal do aluno seja alcançado (sentir prazer pelo jogo), professores e técnicos deverão estar preparados para intervir e elaborar sugestões motoras para motivar e despertar o “gosto pelo jogo” (KUNZ, 2004).

Segundo Coletivo de Autores (1992), pode-se afirmar que *o propósito do voleibol é evitar que a bola caia no próprio campo de jogo, fazendo-a cair no campo do adversário por cima de uma rede*. Após esse momento, cumpre ressaltar que *jogar para não deixar a bola cair no chão*, quando se trata de iniciação, deve ser considerado como uma tarefa simples e “coisa de criança”, que com o passar do tempo, torna-se complexa, mas contínua na sua essência, sendo “coisa de criança”.

Segundo Greco (1998) em todas as metodologias existe falhas e acertos, que consiste em não ter uma receita e sim um conjunto de alternativas didáticas e metodológicas que combinadas na forma de um quebra-cabeça permitam as crianças e adolescentes à construção do conhecimento do jogo na fase de iniciação ao esporte. Jogar se aprende jogando, através de jogos pode-se construir o conhecimento e a inteligência motora.

Para Muller (2009) o voleibol ocupa um lugar proeminente no cenário esportivo nacional e internacional. Uma grande quantidade de participantes faz do voleibol um dos três esportes mais praticados em todo o mundo. Sendo assim se faz necessário que o planejamento do voleibol, tanto de alto rendimento, como na iniciação sejam baseados em conhecimentos científicos e não apenas em conhecimentos empíricos, ou em cópias de sistemas que deram certo em algum tipo de população.

Para Oliveira & Paes (1994) os jogos coletivos, tomando como referência a ideia do jogo, no qual as situações de exercícios da técnica aparecem claramente nas situações táticas, simplificando o jogo formal para jogos reduzidos e relacionando situações de jogo com o jogo propriamente dito.

Bayer (1994) afirma que duas correntes pedagógicas de ensino para os jogos desportivos coletivos, utilizam métodos tradicionais ou didáticos, decompondo os elementos, na qual a memorização e a repetição permitem moldar a criança e o adolescente à modelo adulto. A outra corrente destaca os métodos ativos, que levam en contra os interesses dos jovens e que a partir de situações vivenciadas, iniciativa, reflexão, possa favorecer a aquisição de um saber adaptado.

Já para Darido (2006) a abordagem desenvolvimentista que, ao ensinar as habilidades motoras (técnicas) para a faixa etária de 7-10 anos, a aprendizagem deve ser totalmente aberta, ou seja, os conteúdos do ensino são aplicados pelo professor e praticados pelos alunos, sem interferência e correção dos gestos motores. Para a faixa etária de 11-12 anos, o ensino é parcialmente aberto, isto é há breves correções na técnica dos movimentos. Na faixa de 13-14 anos, o ensino é parcialmente fechado, pois se inicia o processo de especificidade dos gestos de cada modalidade na procura da especialização esportiva e somente após os 14 anos de idade deve acontecer o ensino totalmente fechado.

Segundo Paes, Oliveira (1994) a etapa de iniciação esportiva é um período que abrange desde o momento em que as crianças iniciam-se nos esportes até a decisão por praticarem uma modalidade. Segundo os mesmos autores a iniciação esportiva é dividida em três fases, I, II, III.

Segundo Müller (2009) a 1º fase corresponde da 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, atendendo crianças da primeira e da segunda infância, com idades entre 7 e 10 anos. O envolvimento destas crianças nas atividades desportivas deve ter caráter lúdico, participativo e alegre, a fim de oportunizar o ensino das técnicas desportivas, estimulando o pensamento tático, antes de aprender a jogar voleibol ou qualquer outro esporte, a criança deve trabalhar com habilidades motoras e capacidades físicas gerais.

Segundo Paes (1989) afirma que nessa fase a participação de atividades variadas de caráter recreativo visa à educação do movimento, buscando-se o aprimoramento dos padrões motores e do ritmo geral por meio das atividades lúdicas ou recreativas. Na educação física escolar tem função primordial nesta fase, pois através da mesma se tem um aumento da quantidade e das qualidades das atividades, onde o foco é o melhoramento das capacidades motoras e físicas, auxiliando no aprendizado das demais fases.

Para Weineck (1991) a 2º fase é marcada por oportunizar os jovens o aprendizado de várias modalidades esportivas, atendendo as crianças e adolescentes da 5ª a 7ª séries do ensino fundamental, com aproximadamente de 11 a 13 anos, correspondendo a primeira idade os iniciantes devem participar de jogos e exercícios advindos de esportes específicos e de outros, que auxiliem a melhora de sua base. A importância da diversificação, ou seja, da prática de varias modalidades esportivas contribui para futuras especializações. Além de ser ótima para aprender, no qual as diferenças em relação à fase anterior são graduais e as transições são contínuas, as capacidades coordenativas dão base para futuros desempenhos.

Segundo Gomes (2002) na 2º fase a escola é o melhor local para a aprendizagem, pois são inúmeros os motivos no quais crianças e adolescentes procuram o desporto, entre eles, encontrar e jogar com outras pessoas da mesma idade, diversão, aprender a jogar, e na escola ainda o professor terá o

controle da frequência e da idade dos alunos, facilitando as intervenções pedagógicas.

Para Weineck (1991) a 3ª fase corresponde à faixa etária de 13 a 14 anos, às 7ª e 8ª séries do ensino fundamental, passando os atletas-alunos pela pubescência, nesta fase ocorrem o refinamento das habilidades aprendidas até então nesta fase acontece a passagem do estágio de aplicação para estabilização, na qual ficará o resto da vida. Depois de um período de prática, se as habilidades motoras podem ser consideradas aprendida quando ela é incorporada ao acervo motor da criança. Para a automatização de uma habilidade motora permite ao aluno se concentrar não no mecanismo da execução da mesma, mais sim nas situações onde elas deverão ser executadas.

Apesar das vantagens do vôlei para o desenvolvimento das crianças de 8 a 14 anos são poucas as escolas que utilizam esta prática esportiva, fato este que acarreta tanto em prejuízos ao desenvolvimento dos alunos e habilidades técnicas, táticas de aperfeiçoamento em todos os fundamentos, novas variações. Na preparação física geral e o aperfeiçoamento de todas as habilidades relativas aos fundamentos(SANTOS, 1999).

Para Darido (2006) uma boa parte das crianças e adolescentes só tem acesso à prática de alguma modalidade desportiva nas aulas de educação física escolar. Assim, entendemos que o voleibol no contexto escolar deve ser explorado não só no quesito procedimental, mas também nos aspectos conceituais e atitudinais. O aluno deve aprender além dos movimentos específicos. É interessante que o aluno tenha acesso às informações históricas da modalidade, suas alterações e a forma como isso ocorreu em nosso País, principalmente se levarmos em conta o papel que o voleibol hoje desempenha na sociedade brasileira, devido aos resultados alcançados nas mais diferentes competições.

Para Bojikian (2005), o voleibol escolar pode ser um elemento massificador da prática do esporte, à medida que oferece oportunidades a um número de aluno que não consegue ser atingido em nenhum outro programa de iniciação. O objetivo principal é o surgimento de valores que possam se tornar futuros jogadores de voleibol que possam vir a reboque, sendo o voleibol escolar uma via em dois sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode se constatar através da revisão bibliográfica que o voleibol deve figurar em todos os programas de educação física, tanto como competição quanto jogo, desenvolvendo muito mais do que somente condicionamento físico.

A escola é um ambiente onde ocorre uma pluralidade de relações sociais e, portanto, é o espaço para que o jogo seja realizado, pois uma das funções da escola é organizar a sociedade, participando da formação integral do ser humano.

Tendo o jogo como meio de ensino, é inevitável refletir, não somente sobre seu caráter educacional ou não, mas assumir uma preocupação constante para questões que julgamos fundamentais.

Um jogo quando é utilizado de forma a ensinar, deve trazer em seu conteúdo elementos que permitam entender seu funcionamento dentro de suas regras, cabendo ao professor estar informado e prezar sempre pela formação cidadã de seu aluno.

ABSTRACT

The present work consisted basically of a reflection of how the game of Volleyball can be introduced informally for children of various ages, who attended schools or clubs. Character Of recreation, this work will not facing the income unlike this concern themselves with the "taste of play and learn to play", providing, even those less skilled (in physical capacity and motor skills) a healthy opportunity for initiation of the practice of volleyball. Having as objective to give a greater meaning to education and, consequently, the practice of the game, the monograph will reflect on issues that the learning of volleyball, with subsequent suggestions didactic and pedagogical, This does not mean that we will suggest ideas finished and rigid as a "recipe", with targets to be achieved by practicing We will try to address some of the ideas that may be being discussed by Physical Education teachers of the most diverse schools.

Key words: Volleyball; playful; sport; school physical education.

REFERÊNCIAS

AFONSO, G. **Voleibol de praia**: uma análise sociológica da história da modalidade (85-03). 225 f. Dissertação (Mestrado), UFPR, 2004.

ANFILO, M.A. **A prática pedagógica do treinador da seleção brasileira masculina de voleibol: processo de evolução tática e técnica na categoria infanto-juvenil**, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Caderno Cede** ano XIX, nº48, Agosto/99.

BÁFERO, A. P. **Voleibol: um jogo original**. Artigo, 1993.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Paris: Vigot, 1994.

BIZZOCCHI, C.O Voleibol de alto nível: da iniciação a competição. São Paulo: Fazendo Arte, 2000.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BOJIKIAN, João Crisóstomo Marcondes. **Ensinando voleibol**. São Paulo: Phorte, 2005. Rose Junior, Dante De. Modalidades esportivas coletivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

CAMPOS, L.A.S. **Voleibol “da” Escola**. São Paulo: Fontoura, 2006.

DARIDO, S.C. Os conteúdos da Educação Física Escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, v.2, n.1, Niterói, 2001.

DALSIN, K.; GOELLNER, S. O elegante esporte de rede. **Mov.** v. 12, n. 1, p. 153-71, 2006. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/index.php/index Acesso em: 23 de Agosto de 2013.

D'AGUIAR, O. S. **Motivo para a pratica desportiva e objetivos de realização no voleibol:** Um estudo com iniciação do sexo feminino. Monografia-Banco de dados FADEUP, Porto, 2000.

D'ALESSANDRO, R.; SILVEIRA, E.; ANJOS, M.; DA SILVA, A.; FONSECA, S. Análise da associação entre a dinamometria isocinética da articulação do joelho e o salto horizontal unipodal, hop test., em atletas de voleibol. **Rev Bras Med Esporte.** v. 11, n. 5, p. 271-5, 2005. Disponível em: www.rbme.org.br/ Acesso em: 23 de Agosto de 2013.

FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro.** São Paulo: Scipione, 1989.

GUIMARÃES, G.; MATTA, P. Uma história comentada da transformação do voleibol. **Rev Educ. Fís.** v. -, n. 128, p. 79-88, 2004. Disponível em: www.revistadeeducacaofisica.com.br/ Acesso em: 24 de Agosto de 2013.

GOMES, A.C. **Treinamento Desportivo: Estruturação e periodização.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

GRECO, **iniciação esportiva universal**, vol. 1. Da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MORAES. **Motivação para treinamento esportivo.** Revista Digital. Buenos Aires, n.94, p.1-4, Março 2006.

MÜLLER, **Voleibol: desenvolvimento de jogador**, Florianópolis: Visual Book, 2009.

OLIVEIRA, Sávio Assis de. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática Pedagógica**. 2ed. Campinas, Sp: Autores Associados, Chancela Editorial CBCE,2005 – (Coleção Educação Física e Esporte).

PAES, R.R. *Aprendizagem e competição precoce: "O caso do Basquetebol"*, Universidade Metodista de Piracicaba: Dissertação de Mestrado, 1989.

PAES, R.R; OLIVEIRA V. de. **A pedagogia da iniciação** esportiva: um estudo sobre o ensino dos Jogos desportivos coletivos. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Nº 71, 1994.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do basquetebol. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

SANTOS, M. A. G. N. dos. **Mini-voleibol**: um caminho para a iniciação. *Sprint Magazine*, mar/abr., p. 8-13, 1999.

WEINECK, J. **Biologia do esporte**. São Paulo: Manole, 1991.

